



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA
PORTUGUESA**

ELLANY DIAS ALVES

**O ENSINO DOS GÊNEROS ORAIS: UMA ANÁLISE EM LIVROS DIDÁTICOS NO
8º E 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

**Cajazeiras – PB
2016**

ELLANY DIAS ALVES

**O ENSINO DOS GÊNEROS ORAIS: UMA ANÁLISE EM LIVROS DIDÁTICOS NO
8º E 9º ANO DO FUNDAMENTAL II**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Graduada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dra. Rose Maria Leite de Oliveira

**Cajazeiras- PB
2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

A474e Alves, Ellany Dias

O ensino dos gêneros orais: uma análise em livros didáticos no 8º e 9º ano do fundamental II / Ellany Dias Alves. - Cajazeiras, 2016.

54f.: il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rose Maria Leite Oliveira.

Monografia (Licenciatura em Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2016.

1. Gênero oral. 2. Oralidade. 3. Língua portuguesa - livro didático. 4. Gênero textual. I. Oliveira, Rose Maria Leite. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

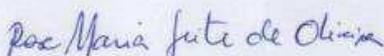
UFCG/CFP/BS

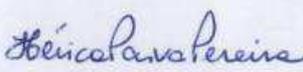
CDU - 808.5

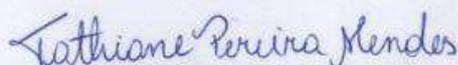
Título do Trabalho: O ensino dos gêneros orais: uma análise em livros didáticos no 8º e 9º ano do ensino fundamental II.

Aluna: Ellany Dias Alves

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado em 30 / 105 / 16 como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa, da UFCG – Centro de Formação de Professores – Unidade Acadêmica de Letras, com a Média Final 10,0 pela seguinte Banca:


Prof. Dra. Rose Maria Leite de Oliveira
Orientadora


Prof. Dra. Hérica Paiva Pereira
Examinadora


Prof. Ms. Tathiane Pereira Mendes
Examinadora

Cajazeiras – PB
2016

A meus pais, Maria Santana Dias Alves e Eliaze Alves de Farias, que com amor e dedicação sempre me incentivaram a nunca desistir dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser meu refúgio nos momentos difíceis e minha alegria nos momentos de vitória;

Aos meus pais, Maria Santana Dias Alves e Eliaze Alves de Farias, por sempre estarem por perto me protegendo e dando força para minha caminhada;

Aos meus amigos, que torceram por minha vitória e se alegraram com minhas conquistas;

Aos meus amigos de curso, em especial, Anielly de Brito, Aline Alves, Ranilson de Oliveira e Karla Mylene que, como irmãos, viveram comigo tristezas e alegrias sempre me apoiando e contribuindo para minha caminhada;

A minha orientadora, Rose Maria Leite de Oliveira, por dedicar seu tempo contribuindo com seus conhecimentos para conclusão desta pesquisa;

A professora Erlane Aguiar, pela dedicação em suas aulas e a disponibilidade em ajudar na construção deste trabalho acadêmico.

“Dizem que a vida é para quem sabe viver, mas ninguém nasce pronto. A vida é pra quem é corajoso o suficiente para se arriscar e humilde o bastante para aprender”.

Clarice Lispector

RESUMO

O trabalho com a oralidade ainda é hoje um tabu para muitos professores de língua portuguesa, a começar das dúvidas e desafios que emergem nas práticas escolares em torno dos gêneros orais que circulam socialmente. Neste sentido, a presente pesquisa tem como objetivo geral abordar o ensino dos gêneros orais, contemplando propostas de ensino desses gêneros nas últimas séries do ensino fundamental II, por meio de uma análise em livros didáticos do oitavo e nono ano, da coleção Singular & Plural: leitura, produção e estudos de linguagem. Tem como objetivos específicos, observar se os gêneros orais estão sendo colados em evidência como atividade necessária em sala de aula, quais desses gêneros são trabalhados e de que forma são propostas suas produções, tomando como base teórica, para essa análise os PCN (1998), e um conjunto de teóricos que discutem sobre a importância dos gêneros textuais em sala de aula para prática significativa. É uma pesquisa de natureza bibliográfica e qualitativa, com vistas a sugerir propostas ao professor de língua portuguesa para o ensino dos gêneros orais em sala de aula, através de uma *sequência didática*, como modelo de trabalho, considerando que a atenção às práticas orais em sala de aula contribui de modo eficiente para o desenvolvimento linguístico e discursivo do aprendiz.

Palavras-chave: Gêneros orais. Ensino. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

Nowadays, working with the orality still represents a taboo for most of Portuguese language professors, beginning at the questions and challenges which arise in the school practices related to the oral genres that circulate among society. Thus, this work has as general aim to address the oral genres teaching in more practical terms, emphasizing some proposals of working with those genres in the last grades of elementary school II, by analyzing didactic books which are often used at the 8th and 9th grades, from the collection “Singular & Plural: leitura, produção e estudos de linguagem”. The specific aims of this work are (1) to evaluate if the oral genres are being highlighted as requisites In-class learning activities, (2) which genres are being specifically developed and (3) how the proposals are implemented, using as knowledge source the “PCN (1998)” and a group of researchers who discuss about the importance of the text genres In-class for the significant practice. This is a literature review and qualitative work, which undertake to make suggestions for the professors of Portuguese about the oral genres teaching practice in the classroom, through a *didactic sequence*, as a work model, considering that the attention to the oral practices In-class contribute efficiently for the language and discursive development of the learner.

Keywords: Oral genres. Teaching. elementary school.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	10
	CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
1.1	A linguagem: instrumento de interação social.....	13
1.2	Gêneros textuais discursivos: refletindo conceito e finalidade.....	16
1.2.1	Particularidades da fala e dos Gêneros Orais Textuais.....	19
1.3	O ensino de língua através de gêneros orais como meio de formação social.....	20
	CAPÍTULO II.....	25
2.1	Passos metodológicos da pesquisa.....	25
	CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	29
3.1	Das práticas escolares com os gêneros orais no livro didático do ensino fundamental.....	29
3.2	Reflexões e sugestões ao professor de língua materna para o trabalho com os gêneros orais em sala de aula a partir da análise dos dados.....	33
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
5.	REFERÊNCIAS.....	54

INTRODUÇÃO

É por meio da linguagem que podemos nos comunicar e expor o uso real de nossa língua de forma interativa e social. E por intermédio de textos que podemos transmitir nossas mensagens enquanto falamos ou escrevemos. Esses textos permitem a nossa interação social e caracterizam-se por terem sentidos diferenciados e um propósito comunicativo com a finalidade de que haja entendimento e interação da mensagem transmitida para o interlocutor.

É certo, então, que ao falarmos ou escrevermos estamos utilizando textos, e esses, se organizam através dos gêneros textuais. Portanto, o que faz os textos circularem socialmente são os gêneros, sejam eles orais ou escritos. Nossos diálogos cotidianos, debates informais ou formais, receitas culinárias, cartas, entrevistas (falada ou escrita), reportagens (falada ou escrita), declarações jurídicas, artigos científicos, dentre outros, são todos gêneros que fazem parte do nosso meio social e que transitam entre nós cotidianamente; uns se encaixando em contextos mais formais, de acordo com o padrão formal da língua, e outros inseridos na informalidade da língua.

Um usuário da língua torna-se apto a atuar linguisticamente em sociedade quando consegue dominar as esferas mais formais da língua e compreender as possíveis variações linguísticas, culturais e históricas existentes na mesma. Isso só será possível a partir do momento que ele receber em sua educação básica um ensino de língua materna, baseado na compreensão e produção de gêneros, já que esses são o meio pelo qual se realiza a real comunicação na sociedade.

Para que esse ensino possa ser válido, levamos em consideração as duas modalidades da língua, a oral e a escrita, porém, por vivermos em uma sociedade que valoriza mais o uso da escrita do que as práticas orais, isso devido à supervalorização da escrita decorrente ao longo do tempo, muitas vezes o próprio professor não prioriza os gêneros orais. Ensina apenas visando uma das modalidades da língua, acreditando que pelo fato de concebermos e dominarmos a fala antes da escrita, não é necessário trabalhar com ela. Portanto, torna-se necessário e talvez urgente, que se trabalhe com os gêneros orais, conhecendo seus processos de produção e a relevância do trabalho de escuta dos mesmos, sem diminuir suas competências linguísticas e seu valor na sociedade diante dos gêneros escritos.

Usar os gêneros orais em sala de aula significa estimular e ampliar no aluno sua capacidade de comunicação, aprimorando diversas áreas do conhecimento, como, por exemplo, a capacidade de formulação de pergunta e de respostas coerentes e coesas, a

percepção dos marcadores usados quando estamos em um ato de fala, os possíveis modos de expressões corporais indispensáveis para a oralidade, a formação de uma locução segura, o reconhecimento das diferenças e semelhanças entre fala e escrita, entre outros. Contudo, que fique claro, que os gêneros orais privilegiados para o ensino em sala em de aula são os públicos, já que é objetivo da escola formar cidadãos competentes e atuantes em sociedade.

Com isso, esta pesquisa tem como proposta fazer um levantamento bibliográfico e uma análise em torno de livros didáticos, com o intuito de verificar as propostas de atividades com os gêneros orais para as séries do oitavo e nono ano do Ensino Fundamental- EF II, as quais encerram um ciclo, e devem trabalhar o amadurecimento do aluno em relação ao conhecimento linguístico e de língua. Para isso, o trabalho se fundamentará através de um percurso linguístico-discursivo que abordará as concepções de linguagem, a importância dos gêneros textuais e o ensino dos gêneros orais na escola. Tal proposta justifica-se porque é notório que o trabalho com os gêneros, sejam eles orais ou escritos, é a melhor forma de conduzir o aluno ao verdadeiro uso da língua, por isso, torna-se indispensável ao professor de Língua Portuguesa trabalhar a partir deles.

A escolha do tema de pesquisa está embasada na vontade de olhar de forma mais ampla e analisar a real situação do trabalho com os gêneros orais na escola. Para essa análise é importante nos determos ao material de ensino disponível aos professores e alunos, o livro didático, só assim, saberemos o que vem sendo proposto, para que possamos ter plena certeza de que nós, enquanto educadores, estaremos intervindo na vida não só escolar do estudante, mas contribuindo através de um ensino por gêneros, para chegarmos ao uso real da língua, assim como propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Desse modo, para que o ensino de gêneros orais seja possível, necessita-se de projetos que evidenciem o trabalho através deles, e a compreensão, por parte dos professores atuantes, de que, trabalhar com a oralidade ampliará o desenvolvimento escolar e extraescolar do seu aluno, pois a língua é bimodal, ou seja, apresenta duas modalidades, a falada e a escrita, e a privação de umas dessas modalidades estará inibindo o verdadeiro uso dela.

Por esses motivos, analisar o material de trabalho do professor, o livro didático, torna-se necessário para que se possa enxergar se existem lacunas em relação ao trabalho com os gêneros orais. Para essa percepção, é necessário analisar pontos importantes, como, por exemplo, presença e ausência desses gêneros nos livros, quais são os gêneros propostos para produção e como são propostas as produções desses gêneros. Através dessa análise, pode-se julgar se os gêneros orais estão sendo propostos de maneira eficaz, conseguindo gerar

reflexões por parte do aluno em relação à modalidade oral da língua. Sendo também prioridade desse trabalho gerir sugestões ao professor de português para que se possa trabalhar didaticamente com os gêneros orais.

Como aparato teórico, serão considerados os estudos de Antunes (2009), Bechara (1986), Schneuwly e Dolz (2004), Travaglia (2006), Marcuschi (2010), Koch (2013), os PCN (1998), dentre outros, que fundamentam este trabalho e confirmam a relevância do ensino através dos gêneros e em específico os gêneros orais.

Assim, essa pesquisa está organizada nos seguintes capítulos: Capítulo I, no qual apresentamos estudos que vão desde os conhecimentos sobre as concepções de linguagem, até os princípios de construção dos gêneros textuais, destacando os gêneros orais e o ensino dos mesmos; Capítulo II, no qual é apresentado os passos metodológicos da investigação; Capítulo III no qual é apresentada a análise e discussão de dados, referente ao ensino dos gêneros orais por meio dos livros didáticos, proporcionando reflexões e sugestões ao professor de língua materna; além das Considerações finais, nas quais reafirmados os objetivos e achados desta investigação.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A linguagem: instrumento de interação social

A linguagem sempre gerou no homem dúvidas em relação a sua construção e uso, mas com o estudo da mesma, depois da criação da Linguística (no começo do século XX), a organização da linguagem verbal humana foi sendo desvendada e explicada. A partir dos estudos linguísticos, a linguagem passou a ser compreendida como uma habilidade inerente a nós, seres humanos; uma capacidade que temos para nos comunicar por meios das línguas.

Cabe de princípio, destacar que o estudo das línguas parte das contribuições das teorias de Saussure, segundo o qual a linguagem apresenta duas faces, ou seja, tem um lado social, representado pela língua e um lado individual representado pela fala, formando um complemento. Assim, estudos e teorias foram sendo construídas com o intuito de designar linguagem, fala e língua. Dentre esses estudos, destaca-se também, a corrente representada por Chomsky, que chamou a atenção para a capacidade humana de falar e entender uma língua através de um dispositivo inato, uma capacidade genética, denominada *Faculdade da Linguagem*. Esses estudos foram o ponto de partida para estimular cada vez mais a pesquisa em torno de língua e linguagem.

Somente mais tarde é que os estudos de língua e linguagem deixam de lado os fatores puramente formais e se encaminham para debates em torno da função que as estruturas linguísticas desempenham na vida dos falantes. A partir da década de 70, a linguagem passa a ser vista à luz de diferentes concepções. Segundo Travaglia (2006), a depender do olhar sobre os fenômenos da linguagem, ela pode ser vista segundo três concepções diferentes: linguagem como expressão do pensamento; como instrumento de comunicação, como meio objetivo para a comunicação, e linguagem como forma ou processo de interação.

A primeira dessas concepções inclui o processo de linguagem como resultado de um pensamento, como destaca Travaglia (2006, p.21), ao descrever que “para essa concepção as pessoas não se expressam bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução”. Diante disso, percebe-se que os usuários da língua utilizam-se de regras que regem a organização lógica de seus pensamentos,

para que assim, eles possam ser expostos. Essas regras podem estar incluídas na gramática que temos interiorizada, e que nos fazem ser capazes de ter uma sistematização de ideias.

A segunda concepção de linguagem implica que as regras interiorizadas em cada falante da língua conduzem um conjunto de signos a se combinarem, tornando possível a passagem de mensagem de um emissor a um receptor. O código pelo qual a mensagem é passada se realiza pela língua, que é passada para seu receptor, o qual recebe essas codificações e as transformam em mensagens (TRAVAGLIA, 2006, p.22).

A terceira concepção mostra que além de organizar um pensamento, expor e ser compreendido, o usuário da língua age promovendo ações que acarretam a interação entre interlocutores, gerando a produção de sentido de forma ampla, sem se restringir a determinada ideologia ou processos sócio-históricos. O que caracteriza a linguagem é exatamente essa oportunidade de um diálogo que ocorra em sentido vasto, de forma que a exposição de uma ideia atue sobre um interlocutor, promovendo a interação (TRAVAGLIA, 2006).

À luz das três concepções expostas, fica evidente o papel interacional da linguagem, ou seja, ela acontece de forma social e não individual, gerando uma comunicação que promove ações de ideias e informações entre quem a executa. Os estudos na metade do século XX mostram essa real preocupação com os fenômenos ligados ao *uso* que os falantes fazem da língua, o que foi chamado de “guinada pragmática” e que fez com que, deixassem de lado a grande atenção com a estrutura abstrata da língua e seus subjacentes e gerassem novos olhares em relação aos seus fenômenos reais (WEEDWOOD, 2002).

Com isso, passa-se a enxergar as situações sociais que a língua está inserida. Em relação a esse fato, Bakhtin (BAKHTIN apud WEEDWOOD, 2002) considera importante a enunciação, o processo verbal, ao invés do enunciado, o produto. Ele opõe-se à distinção de língua como “atividade mental” e “sistemas de regras possíveis de descrição”, e a considera uma “atividade social”, mostrando assim, que existe uma finalidade comunicativa no uso da língua. Logo, para ele “a língua é um fato social, cuja existência se funda nas necessidades de comunicação” (op. cit. p.151).

Chegamos, portanto, à conclusão de que a língua é um processo social que se realiza pelo ato comunicativo. Essa comunicação se dá por meio de duas importantes modalidades, a fala e a escrita. Segundo Marcuschi (2010), quando partimos para um estudo sobre essas duas modalidades, enxergamos um quase duelo entre elas, o qual está escrito na própria história da humanidade e foi construído e consolidado na sociedade. Para ele, a escrita “*se tornou*

indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um *status* mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder” (p. 17). Por outro lado, diante da existência humana, conclui-se que o homem é um ser primeiramente falante, do que escritor, porém, não se pode afirmar que a fala é superior à escrita e nem que a escrita deriva da mesma, pois a escrita não pode reproduzir muitas características da fala.

Neste sentido, entende-se que a oralidade e a escrita são usadas juntas em contextos sociais do cotidiano, como, por exemplo, no trabalho, na escola, no dia a dia, na família, na vida burocrática, na atividade intelectual, dentre outros, cada qual com sua devida importância. Ambas compartilham de semelhanças, e “permitem a construção de textos coesos e coerentes, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante” (MARCUSCHI, 2010, p. 17).

Porém, ainda existem dúvidas perante a real valorização da oralidade e da escrita, predominando duas certezas, uma primeira, que deixa claro que fala e escrita “são atividades comunicativas e práticas sociais”, e a segunda, que revela que em “ambos os casos temos um uso *real* da língua” (MARCUSCHI, 2010, p. 21). Mesmo observando que fala e escrita não podem ser vistas como práticas distintas e nem uma é suprema em relação à outra, existem mitos e primazias que precisam ser combatidos em relação à elevação da escrita, pois não se pode tratar escrita como elemento superior à oralidade. Tanto uma quanto a outra atuam socialmente.

Cabe ressaltar que, historicamente, a escrita ganhou uma supremacia social através dos mecanismos de alfabetização empregados em práticas do passado, ou seja, quem sabia escrever, eram os alfabetizados, e sucessivamente esses eram os que se situavam em melhores condições sociais, os próprios planos desenvolvimentistas da UNESCO afirmam que “a pobreza, a doença e o atraso geral estão vinculados com o analfabetismo”, entendendo-se, portanto, que a valorização da escrita aconteceu através de processos históricos que mantêm-se enraizados até hoje (MARCUSCHI, 2010, p.23). Porém, a oralidade não deixa de ser uma prática social importante, e assim como a escrita, está inserida também, em contextos cotidianos e na formação escolar.

Portanto, fica certo que ambas as modalidades têm suas próprias características e importância social. Para Marcuschi (2010, p. 24) “parece que hoje redescobrimos que somos seres eminentemente orais, mesmo em culturas tidas como amplamente alfabetizadas”. O que torna “bastante interessante refletir melhor sobre o lugar da oralidade hoje, seja nos contextos de uso da vida diária ou nos contextos de formação escolar” (op. cit.). Assim, para que seja

possível essas reflexões é preciso que se entenda o meio pelo qual essas modalidades circulam socialmente, ou seja, conhecer os estudos sobre gêneros.

1.2 Gêneros textuais e discursivos: refletindo conceito e finalidade

Dentre as concepções de gêneros, primeiro devemos entender que, nas primeiras pesquisas sobre esse meio comunicativo, suas definições eram clássicas. Aristóteles, em sua *poética*, classifica os gêneros como obras da voz, tomando como critério o modo de representação mimética, ou seja, gêneros sendo representados por um único meio, a voz; mas antes de Aristóteles, Platão afirmou que os gêneros seriam vistos de acordo com “juízos de valores”; “Ao gênero sério pertencia a epopeia e a tragédia; ao burlesco, a comédia e a sátira”. (MACHADO, 2008, p. 150). A partir de tais relações, foram pensadas e desenvolvidas as primeiras teorias sobre gêneros, essas teorias fundaram-se por meio dos estudos teóricos literários e por base da *Poética* de Aristóteles. As classificações desses gêneros literários foram bem traçadas, designando que, “gênero mimético ou dramático pertencem a tragédia e a comédia; ao expositivo ou narrativo, o ditirambo, o nomo e poesia lírica; ao misto a epopéia” (MACHADO, 2008, p.152).

Porém, segundo Machado (op. cit.), com o surgimento da prosa comunicativa junto com as mudanças de pensamento social e linguístico que ocorreram com o passar do tempo, tornou-se inquietante e necessário o estudo em torno da análise do discurso que se concebeu ao se reconhecer a prosa comunicativa. Essa dinamicidade encontrada na prosa é bem representada pelos conceitos de Mikhail Bakhtin, que é considerado o propulsor da pesquisa que tem como finalidade o estudo dos gêneros discursivos:

Os estudos que Mikhail Bakhtin desenvolveu sobre os gêneros discursivos considerando não a classificação das espécies, mas o dialogismo do processo comunicativo, estão inseridos no campo dessa emergência. Aqui as relações interativas são processos produtivos de linguagem. Consequentemente, gêneros e discursos passam a ser focalizados como esferas de uso da linguagem verbal ou da comunicação fundada na palavra (MACHADO, 2008, p. 152).

Assim, pode-se dizer que as palavras interação, comunicação, linguagem e uso agem como fundadoras dos gêneros discursivos. Os gêneros discursivos são o meio pelo qual a sociedade estabelece suas ligações comunicativas, sejam elas formais ou informais. Portanto,

os gêneros são entendidos como o meio pelo qual a linguagem circula socialmente, considerando o cultural, o histórico e o social de cada comunidade linguística.

Como se percebe, desde a era clássica que se pensa na conceituação dos gêneros, e esses processos de conceituação vêm sendo trabalhados até hoje, pois até pouco tempo a escola trabalhava a noção de gêneros à luz do tripé *narração, descrição e dissertação*, o que estabelecia ao estudante a meta de aprender a produzir redações. Estar apto nessas três formas de expressão era o esperado para sua formação de língua e de texto. O lado de circulação social do texto não era produto de estudo e reflexão, entendendo-se que “a tipologia redacional, tradicionalmente ensinada na escola, é vazia de realidade sociointeracional” (BONINI apud BIASI-RODRIGUES, 2008, p.34).

Faltava, portanto, didatizar as noções de gênero, considerando as relações interativas, representadas pela língua e o uso da linguagem em seus variados contextos. Porém, novas teorias foram sendo formuladas para dar de conta das inúmeras práticas sociais encontradas na fala e na escrita. Neste contexto, o que se reconhece é que os gêneros (orais ou escritos) apresentam estruturas internas (textos), as quais não podem ser reconhecidas como próprios gêneros e sim como parte integrante deles. Com isso, narração, descrição e dissertação são estruturas que compõem gêneros variados; essas estruturas internas, também chamadas de sequências textuais, são explicadas pelos PCN (1998) como sendo:

[...] conjuntos de preposições hierarquicamente constituídas, compondo uma organização interna própria de relativa autonomia, que funcionam da mesma maneira nos diversos gêneros e nem produzem os mesmos efeitos: assumem características específicas em seu interior. Podem se caracterizar como Narrativa, descritiva, expositiva e convencional (BRASIL, 1998, p.21).

A partir dessas considerações feitas pelos PCN, entende-se que a antiga e tradicional concepção de gênero diz respeito na verdade às *sequências textuais* que integram os próprios gêneros, por exemplo, uma narrativa pode aparecer em diversos gêneros, a carta, o romance, a crônica, sendo que, seu uso vai corresponder ao complemento interno desses gêneros, mas, por outro lado, o gênero carta, romance ou crônica serão únicos por terem cada um, uma estrutura que os define, e seus usos sociais.

Portanto, cabe primeiro essa desmistificação de gênero e sequência textual, para que assim, possamos entender que os gêneros discursivos acontecem de forma expandida e socialmente, contemplando a esfera prosaica da linguagem. Entendendo-se que “[...] os gêneros discursivos incluem toda sorte de diálogos cotidianos bem como enunciações da vida

pública, institucional, artística e filosófica”. Portanto, gêneros discursivos são o que compõem a comunicação social e que, segundo Bakhtin, podem ser classificados em primários e secundários (MACHADO, 2008, p. 155).

Os gêneros primários são representados por convenções mais espontâneas de comunicação verbal do dia a dia, e os secundários são respectivamente aqueles que representam a área literária, científica, jornalística e que, segundo Bakhtin (1997), “aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica” (BAKHTIN apud BIASI-RODRIGUES, 2008, p.37).

Secundários ou primários, os gêneros serão *enunciados relativamente estáveis*, como define, mas apesar disso se caracterizam por apresentarem uma estrutura que rege três aspectos: conteúdo, estilo e construção composicional, sendo que podem ter variações que os caracterizem em uns serem mais “padronizados e estereotipados”, ou “mais maleáveis, mais práticos e mais criativos” (BAKHTIN apud BIASI-RODRIGUES, 2008, p.38). Sobre isto, Biasi-Rodrigues (2008, p. 38) acentua que:

Isso significa que há gêneros produzidos em situações muito formais e que seguem convenções mais rigorosas de produção como os da área jurídica, as leis ou um depoimento de acusado, por exemplo, e há outros gêneros mais informais, que possibilitam a criatividade, como o romance e o conto entre os literários, ou, na área da publicidade, os anúncios em geral, e ainda, no uso cotidiano e espontâneo da linguagem, um bilhete, uma piada, o relato de um fato qualquer, entre outros.

Os três elementos que caracterizam e formam as estruturas dos gêneros (conteúdo, estilo e construção composicional) são reafirmados pelos PCN que os definem da seguinte forma:

- conteúdo temático: o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero;
- construção composicional: estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero;
- estilo: configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da posição enunciativa do locutor; conjuntos particulares de seqüências³ que compõem o texto etc. (BRASIL, 1998, p.21).

Portando, entendemos que os gêneros exibem, em sua maioria, formalidade em sua estrutura interna, mas, mesmo assim, não podem ser considerados formas sólidas, pois, são

estruturas que circulam na formação da comunicação social. Dessa maneira, o trabalho com os gêneros deve servir para inserir o usuário da língua na sociedade.

1.2.1 Particularidades da fala e dos gêneros orais textuais

Em relação à produção dos gêneros textuais orais, cabe, antes de tudo, especificar o processo de formulação oral, pois, assim como precisamos de mecanismos para construirmos a escrita, com a fala ocorre o mesmo. Primeiramente, é importante entender o processo que existe na construção do oral, o que remete à urgência de compreender como se funda a fala (produto principal na execução de gêneros orais). Esse processo ocorre desde a produção da voz pelo aparelho fonador, passando do som à palavra, até a construção de entonação, acentuação e ritmo, por fim, chegando à comunicação oral.

Essa comunicação oral, que é produto de um processo, é complementada com traços que vão além de meios linguísticos ou prosódicos, como explica Schneuwly e Dolz (2004), quando expõem um quadro que mostra além dos meios linguísticos, por exemplo, meios cinésicos “atitudes corporais, movimentos, gestos, troca de olhares, mímicas faciais”, ou aspectos exteriores “roupas, disfarces, penteado, óculos, limpeza” que interferem nessa comunicação (p.134). Assim, entende-se a complexidade no estudo da oralidade, pois, como foi visto, para que ocorra a produção de um gênero oral é preciso de uma série de mecanismos, que vão desde os linguísticos até os não linguísticos.

Diante disso, a fala é reconhecida como elemento crucial para a produção dos gêneros orais e aponta-se nela as seguintes marcas: os (as) marcadores conversacionais, hesitações, segmentações, interrupções, digressões que revelam o fluxo conversacional. Essas marcas atuam envolvendo os participantes do discurso, servindo “não só para designar elementos verbais, mas prosódico e não linguístico que desempenham uma função interacional qualquer na fala [...]. São exemplos desses marcadores elementos como: claro, sabe?, certo né?, acho, então, ai, uhn, ahn” (FÁVERO, ANDRADE E AQUINO, 2014, p.19).

Outra característica própria da fala é a necessidade de um planejamento que necessita de uma organização e reorganização a cada “lance” falado, ou seja, o planejamento e a verbalização ocorrem de forma conjunta, sem muito tempo para uma revisão do que se é dito; a fala apresenta uma sintaxe própria, mas não deixa de estar inserida na sintaxe geral da língua, destacando-se por ser um processo dinâmico, diferente da escrita que representa um processo inerte (KOCH, 2013).

Por todas essas razões, fica evidente que a língua falada, necessita de elementos específicos para sua formulação, e talvez por termos uma noção errônea de que a fala é algo tão espontâneo, e de que não precisa ser necessariamente “ensinada”, é que durante muito tempo não enxergou-se o tal ato como algo merecedor de estudo, pesquisa e ensino. Nesse contexto, os PCN (BRASIL, 1998, p.74) deixam claro a necessidade de ensino e produção de textos orais, explicando de que modo se dá esse planejamento oral, como se vê abaixo:

O texto oral, diferentemente do escrito, uma vez dito não pode ser retomado ou reconstruído, a não ser em casos excepcionais de montagens para rádio ou TV. O planejamento de um texto oral, ainda que possa se apoiar em materiais escritos, se dá concomitantemente ao processo de produção: uma correção não pode ser apagada, é sempre percebida pelo interlocutor. Assim, o controle do texto oral só pode ocorrer de duas maneiras: previamente, levando-se em conta os parâmetros da situação comunicativa (o espaço, o tempo, os interlocutores e seu lugar social, os objetivos, o gênero) e, simultaneamente, levando-se em conta as reações do interlocutor, ajustando a fala no próprio momento de produção.

Fazer com que esses conceitos sejam ensinados e entendidos tornou-se mais um desafio no ambiente escolar. Com isso, diante dos estudos que vêm sendo mostrados, prova-se que os textos orais são tão ricos de procedimentos quanto os textos escritos, cabendo ao professor dinamizar em sua sala de aula práticas que ofereçam ao aprendiz lidar com esses dois tão importantes sistemas.

1.3 O ensino de língua através de gêneros orais como meio de formação social

Segundo Travaglia (2006) a importância do ensino de Língua portuguesa está ligado a necessidade de contribuir para o desenvolvimento das competências comunicativas dos usuários da língua, para que assim, possam se sentir seguros diante das diversas situações de comunicação. Na visão do autor, para nos tornarmos competentes, é preciso desenvolver a competência gramatical, linguística e textual, que são destacadas como finalidades do ensino de língua.

Entende-se como competência linguística a capacidade que temos de formulação de frases e orações e como competência textual a capacidade de produzir e compreender textos diversos, em momentos de interação. Isso implica dizer que com o aprimoramento da capacidade textual, os usuários da língua tornam-se aptos a produzirem e compreenderem um

número ilimitado de textos, assim, podendo diferenciar um texto de uma sequência linguística, conseguindo também, modificar textos prontos, de forma que possam resumir, fichar, reformular, e reconhecer diversos textos, como, romance, receita, reportagem, entrevista, carta, etc.

Portanto, torna-se evidente a necessidade do trabalho por meio de textos. Se o aluno obtiver o contato com textos em sua formação escolar e entender que nossa comunicação se dá por eles, ele estará desenvolvendo-se de forma coerente e apropriada para que, nas mais diversas situações sociais, possa comunicar-se de forma segura. Nesse momento, entra como papel fundamental o professor, que deve agir como mediador desse ensino que contempla as competências comunicativas.

Diante disso, compete ao professor, ao efetivar sua aula, estar ciente de que falamos e escrevemos sempre através de textos, e que é necessário atentar-se para as diferenças entre texto falado e texto escrito, pois o próprio objetivo de investigação linguística foi ampliado e agora precisa dar de conta, “daquilo que acontece, efetivamente, quando as pessoas falam, ouvem, escrevem e leem nas mais diferentes situações da vida social” (ANTUNES, 2009, p.50).

Antunes (2009, p. 57) defende a concepção de ensino por meio de gêneros, e concorda com os PCN quando explicitamente deixam claro que o uso da língua em textos orais e escritos devem ser o novo meio de ensino. Para que isso seja possível, entra em cena o trabalho através e pelos gêneros textuais, pois, como propõe a autora, “vale tomar os gêneros como referência para o estudo da língua, e conseqüentemente, para o desenvolvimento de competências em fala, escuta, em leitura e em escrita dos fatos verbais com que interagimos socialmente”.

A perceptiva de ensino dos gêneros textuais deve ser trabalhada enxergando os diversos gêneros existentes socialmente, juntamente com a compreensão e produção dos mesmos. É o que afirma os PCN (BRASIL, 1998, p. 24):

A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social.

Não se pode trabalhar tendo como meio de instrução um único gênero como base para o ensino de língua, é preciso que, em sala de aula, os alunos tenham contado com o maior número possível de gêneros, não só gêneros de escrita, mas também orais, já é contemplada a importância do ensino que acata os gêneros orais como propostas de produção. Assim, explica Bechara (1986, p. 46) ao dizer que é pela a prática de atividades orais que o aluno “constitui a base para quase todas as competências linguísticas”, ajudando não só no ato da fala, mas no desenvolvimento de “formulação de ideias e sobre a própria atividade linguística”.

Não cabe mais um ensino apenas por regras gramaticais, mas sim, através de uma base linguística na qual se discuta o funcionamento da língua. Segundo Crescitelli e Reis (2014), a escola é o lugar ideal para que se possa, por meio do ensino da língua materna, efetuar o desenvolvimento linguístico, aprimorando competências de leitura e de escrita dos alunos. Para a consolidação dessas práticas, o professor tem como aparato os PCN. Neles os conteúdos de Língua Portuguesa são propostos a partir do uso da língua oral e escrita e de reflexões sobre língua e linguagem, conforme já mencionamos aqui.

Sobre as propostas abordadas pelos PCN, em relação aos gêneros textuais, Crescitelli e Reis (2014) destacam que: a) o texto- oral e escrito- deve ser a unidade básica para o ensino de língua materna; b) a atividade de ensino da língua deve concentra-se na produção de textos orais e escritos e na escuta de textos orais e compreensão de textos escritos em seus mais diversos aspectos e gêneros; e c) a linguagem tem de ser compreendida em seu aspecto interlocutivo ou dialógico, quando se trata de produção de textos orais.

Assim, fica claro que é por meio de textos orais e escritos que o professor deve promover o ensino da língua materna, capacitando o aluno para a produção dos mesmos. E em se tratando de textos orais, essa produção tem que acontecer de forma interativa destacando os aspectos interlocutivos e dialógicos. Os gêneros orais são parte integrante dentro das propostas dos PCN, o que eleva e afirma a necessidade do trabalho com essas práticas orais em sala de aula.

Assim, para que possamos trabalhar com essas práticas e gêneros orais é preciso desenvolver as competências linguísticas e comunicativas nos alunos, e isso ainda gera no professor uma série de dúvidas. Para que essas dúvidas sejam saciadas é preciso entender alguns aspectos para a produção oral, não apenas exercitamos o meio sonoro, a voz, mas imprimimos nossos sotaques, nossas pausas, reformulações, pois, nossa comunicação oral é influenciada por traços sociais, regionais, e individuais. Sem esquecer que, quando falamos, usamos de procedimentos como, a gestualidade, a postura corporal, a expressão facial e o

direcionamento do olhar. O professor deve estar preparado e informado sobre todas essas questões para que possa efetuar o trabalho com gêneros orais. Essas considerações são firmadas por Goulart (2005, p.21 *apud* BENTES 2010, p.134):

Muitos elementos da interação entre adultos e crianças (ai incluídos professores e alunos) dizem respeito aos elementos não-verbais[...], na medida em que os aprendizes sempre confirmam ou refutam alguma informação por meio de olhares, grunhidos, expressões faciais, acenos de cabeça, movimentos corporais e gestuais.

Uma questão importante destacada por Bentes (2010), e que pode ocorrer, ou não, é que em turmas das séries iniciais observa-se maior interação entre professor-aluno, aluno-professor, já que nessas séries o professor escuta mais os alunos, atentando para o que eles têm a falar; ao ponto que, em séries já avançadas, por exemplo, no Ensino Fundamental II, as aulas dão-se de forma mais expositivas, evidenciando a necessidade do professor em transmitir informações, predominando mais sua fala do que a do aluno. Avaliando essa questão levantada pela autora, pode-se concluir que um professor que apenas fala e não trabalha com seus alunos gêneros que aprimorem sua oralidade, priva-o em seu aprendizado e gera uma quebra de conhecimentos, pois o aluno deixa de agir como falante e questionador.

Por outro lado, cabe ressaltar que, apenas o diálogo, professor–aluno, aluno-professor, no espaço de sala de aula, não é capaz de alcançar as exigências que o ensino de gêneros orais implica, pois, se faz necessário conduzir o aluno ao uso social dos gêneros, ou seja, ao âmbito das apresentações públicas, como explica os PCN (1998, p. 25):

Dessa forma, cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la.

Com isso, a importância de diálogos em sala de aula só terá seu real valor se o professor, enquanto educador, souber conduzir de forma conjunta, a troca de conhecimento com o direcionamento do aluno para mundo social, para que o mesmo possa posicionar-se como cidadão atuante. Para tal, é preciso um trabalho em que o aluno não apenas receba informações, mas que saiba o porquê e para quê as recebeu. É neste sentido que o ensino por

gêneros orais age aprimorando o seu desempenho como falante, questionando, acrescentando e aprimorando o que lhe foi passado.

Cabe aqui citar os artifícios que o professor pode usar para inserir em sua aula os gêneros orais e, acima de tudo, proporcionar com isso que seus alunos tenham a oportunidade de ouvir, interpretar e contribuir de forma opinativa, exercendo seu papel social. São elas: o trabalho através dos gêneros radiofônicos, televisivos ou cinematográficos, o trabalho em grupo, dentre outros. Estas entre outras seriam maneiras de trabalhar com gêneros orais de forma efetiva e motivadora (BENTES, 2010, p.147).

Reconhecer a importância do ensino do texto falado por meio dos gêneros orais é o que engrandece a maneira pela qual o professor constrói o conhecimento de língua materna com seus alunos. Crescitelli e Reis (2014, p. 34) organizam bem os benefícios alcançados com o trabalho dos gêneros orais, quando expressão que:

[...] Adquirindo o conhecimento a respeito do funcionamento do texto falado, em vários gêneros orais, o aluno terá condições não apenas de se apropriar de gêneros orais e de fazer uso de suas características para um bom desempenho como falante, como também de saber evitar as marcas da oralidade no seu texto escrito, quando elas não forem convenientes (e, por outro lado, saber utilizar-se delas na escrita quando for adequado e conveniente).

Portanto, os benefícios em trabalhar com gêneros orais não estão apenas dentro das convenções inseridas na oralidade, ou seja, o aluno que estuda e produz gêneros orais se tornará apto não somente nessa modalidade, mas conseguirá expandir e ampliar seus conhecimentos para que seja possível, através da linguagem oral, entender e produzir outros textos, com um bom desempenho e entendendo a diferença e as semelhanças possíveis entre eles.

CAPÍTULO II

2.1. Passos metodológicos da pesquisa

A presente pesquisa é de natureza analítica qualitativa e descritiva e teve como objetivo uma investigação em torno de propostas de ensino de gêneros orais em livros didáticos, tendo em vista que, as práticas orais muitas vezes não são valorizadas nem colocadas em prática em sala de aula.

Para realizarmos tal investigação, procedemos com a análise e discussão dos materiais de apoio didático utilizados em turmas 8º e 9º ano do Ensino Fundamental - EF II, em uma escola pública da cidade de Cajazeiras-PB. Assim, partimos inicialmente do levantamento bibliográfico, o qual apresentou o aparato teórico em relação aos gêneros orais, logo após, já com a base teórica estruturada, foi possível a análise dos livros didáticos, para que se pudesse enxergar a real situação de como vem sendo proposto o trabalho com esses gêneros.

Cada livro foi analisado de forma que pudesse ser enxergado as propostas de trabalho com os gêneros orais, quais são esses gêneros e se existe a preocupação em evidenciar e mostrar a importância das práticas orais, ou seja, sua relevância ou irrelevância. A partir da análise intervimos gerando reflexões ao professor de Língua Portuguesa em torno do ensino dos gêneros orais e apresentamos um modelo de *sequência didática* para trabalhar-se com esses gêneros.

A pesquisa bibliográfica se deu desde o estudo de língua e linguagem até chegar ao ensino pelos gêneros textuais, delimitando-se aos orais, utilizando as importantes contribuições de Antunes (2009), Bechara (1986), Schneuwly e Dolz (2004), Travaglia (2006), Marcuschi (2010), Koch (2013), os PCN (1998), entre outros.

Os livros didáticos que foram analisados nesta investigação são os da coleção *Singular & Plural-Leitura, produção e estudos de linguagem*, da Editora Moderna, dos autores Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart, nas edições de 8º e 9º ano do EF. Para a análise dos livros didáticos foram tomadas como referência as reflexões dos PCN (1998) do ensino fundamental, 4º ciclo, e a contribuição da abordagem dos gêneros textuais. Com base em tal arcabouço, no que eles trazem como prioritário no ensino de gêneros orais (de escuta e de produção), foram traçados tópicos de análises norteados pelas questões de ensino dos gêneros orais, sistematizados nos quadros de categorias a seguir:

QUADRO 1: CATEGORIAS DE ANÁLISE 1 (PRESENÇA/AUSÊNCIA DO TRABALHO COM GÊNEROS ORAIS NO LIVRO DIDÁTICO - LD) ¹

COLEÇÃO/LIVRO X ou Y		
APRESENTA	SIM	NÃO
Propostas de trabalho com gêneros orais		
Gêneros orais privilegiados para a prática de escuta		
Indicações ou propostas de escuta de diferentes gêneros orais		
Transcrições de textos orais ou com marcas da oralidade para análise do uso da língua oral		
Gêneros orais privilegiados para a prática de produção		
Produção de gêneros orais públicos		
Propostas de projetos destinados à produção de gêneros orais		
Reflexões linguísticas em relação aos marcadores da oralidade/ marcas discursivas		

QUADRO 2: CATEGORIAS DE ANÁLISE 2 (NATUREZA DOS GÊNEROS ORAIS)

GÊNEROS ORAIS TRABALHADOS PELO LIVRO X ou Y			
CATEGORIAS:	SIM	NÃO	QUAIS?
GÊNEROS DE ESCUTA:			
LITERÁRIOS			
DE IMPRENSA			
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA			
PUBLICIDADE			
GÊNEROS DE PRODUÇÃO:			
LITERÁRIOS			
DE IMPRENSA			
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA			

¹ Categorias adaptadas a partir do que sugerem os PCN.

QUADRO 3: CATEGORIAS DE ANÁLISE 3 (DISSECANDO ESPECIFICIDADES DO GÊNEROS ORAIS DE ESCUTA)

ANÁLISE DE ENSINO DE GÊNEROS ORAIS DE ESCUTA DO LIVRO X ou Y			
GÊNERO	APRESENTA:	SIM	NÃO
Cordel (por exemplo)	A compreensão do gênero		
	Identificação das marcas discursivas		
	Transcrição do gênero representando as marcas da oralidade		
	Trabalha propostas de escuta desse gênero		
	Preparação para a observação das marcas da oralidade, de temas e posicionamento ativo e crítico diante do texto oral. (Seja ele transcrito ou auditivo)		
	Proposta de gravação do gênero para uma análise de escuta posterior		

QUADRO 4: CATEGORIAS DE ANÁLISE 4 (DISSECANDO ESPECIFICIDADES DO GÊNEROS ORAIS DE PRODUÇÃO)

ANÁLISE DE ENSINO DE GÊNEROS ORAIS DE PRODUÇÃO LIVRO X ou Y			
GÊNERO	APRESENTA:	SIM	NÃO
	Compreensão do gênero		
Debate (por exemplo)	Proposta de produção de esquemas ou atividades para planejamento do gênero		
	Proposta de utilização de recursos gráficos e visuais para ser utilizados como material de apoio na exposição da fala		
	Proposta de elaboração de roteiro		
	Leituras expressivas		
	Memorização de textos		
	Discussão sobre temas propostos para a produção do gênero		
	Acesso a textos para a construção de argumentos e posicionamento crítico		
	Acesso a debates/discussões		

A partir de tais categorias, a coleção foi analisada qualitativamente com alguns objetivos, primeiro a observação da presença de propostas que indiquem o trabalho com os gêneros orais. Juntamente, com esse objetivo, encontra-se a observação de quais foram os gêneros propostos no oitavo e nono para serem trabalhados, quais deles foram propostos para produção, quais foram propostos para escuta oral e de que maneira foi apresentada essa produção. Com a análise dos dados foi possível realizarmos reflexões sobre a relevância de

tais textos para um trabalho significativo em sala de aula enquanto forma de contribuir para a formação cidadã do aprendiz.

CAPÍTULO III

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.1 Das práticas escolares com os gêneros orais no livro didático do ensino fundamental

O material didático de língua portuguesa, assim como de qualquer outra disciplina, é um aparato essencial para conduzir o professor em sala de aula, já que por ele é traçado todo o percurso que o discente deve percorrer em um ano letivo, expondo propostas de atividades que estejam inseridas e coerentes com a série e a disciplina abordada. Assim, considerando, pois, os objetivos dessa investigação, analisamos o livro didático visando descrever como se dá o trabalho com os gêneros orais, investigando a importância que vem sendo dada a oralidade, sabendo que essas práticas ainda são tabus para muitos professores em sala de aula.

O processo de análise deu-se em livros de 8º e 9º ano do ensino fundamental, da coleção Singular & Plural, utilizados por uma escola pública municipal de Cajazeiras-PB. A escolha dos dois últimos anos do ensino fundamental fez-se importante já que essas duas séries contemplam o final de um ciclo, e conseqüentemente, têm a finalidade de desenvolver, de forma mais sólida, a partir das aulas de Língua Portuguesa, o conhecimento linguístico desses alunos que precisam estar aptos desse conhecimento para prosseguir com as novas atividades que o novo ciclo, ensino médio, exigirá. O conhecimento detalhado do material em análise é primordial; coube observar os livros em seus aspectos gerais, mas o foco recaiu sobre os capítulos que contemplaram propostas de trabalho com gêneros orais.

Quanto à organização e presença de gêneros orais nos materiais analisados, o livro do 8º ano é dividido em três cadernos, cada caderno dividido por unidades, e as unidades divididas por capítulos. No primeiro caderno denominado *Caderno de Leitura e Produção* é onde se encontram as propostas de produção de gêneros orais, nas unidades I e II. Na unidade I desse caderno propõem-se a produção do gênero *debate* e apresenta o gênero oral de escuta *causos*, e na unidade II apresenta o gênero oral de escuta *cordel*.

O livro do 9º ano, da mesma coleção, apresenta a mesma estrutura de cadernos, unidades e capítulos presentes no livro do 8º ano. Encontrando-se no primeiro Caderno, na unidade II, o gênero de escuta *canção (rap)* e a proposta de produção do gênero oral *Apresentação oral*. Na unidade III desse caderno é apresentada a proposta de produção do

gênero oral *reportagem audiovisual*. No Caderno II aparecem propostas de oficinas literárias, as quais trabalham com leituras expressivas e com o *texto teatral*, culminando com *apresentações teatrais*.

Assim, à luz das categorias pensadas para esta investigação, a análise qualitativa dos dados revelou que, quanto ao LD do 8º e 9º anos do EF para a categoria 1 (Categoria de análise 1- presença ou ausência do trabalho com gêneros orais) os resultados foram similares, concluindo-se que os livros apresentam propostas com gêneros orais que estão inseridos tanto na produção de gêneros orais públicos, como na presença de gêneros orais de escuta, porém não havendo propostas de escuta de diferentes gêneros orais. As obras expõem transcrições de textos orais ou com marcas da oralidade para análise do uso da língua oral, contudo, não contemplam propostas de projetos destinados à produção de gêneros orais, mas, apresentam atividades que geram reflexões em relação aos marcadores da oralidade e marcas discursivas.

Sabendo que, segundo os PCN (1998) os gêneros orais são categorizados em: de escuta (literários, de imprensa, divulgação científica e publicidade) e de produção (literários, de imprensa e de divulgação científica), formulou-se a Categoria 2 (Categoria de análise 2- Natureza dos gêneros orais), obtendo-se os seguintes resultados: o livro do 8º ano apresentou dois gêneros de escuta, *causos* e *cordel* (literários) e um gênero de produção, *debate* (divulgação científica); no livro do 9º ano apareceu um gênero de escuta, *canção* (literário) e três de produção, *apresentação oral* (divulgação científica), *reportagem audiovisual* (de imprensa) e *apresentação teatral* (literários).

Quanto à categoria 3, que implica a dissecação das especificidades dos gêneros orais de escuta, os gêneros orais do livro do 8º ano foram os seguintes: em relação aos *causos*, sua compreensão enquanto gênero, é exposta, exibindo a transcrição de *causos* e trabalhando por meio de atividade escrita reflexões sobre as marcas orais existentes, não havendo proposta de escuta do gênero; e, ainda, a proposta de gravação do gênero para uma análise posterior, ocorrendo, apenas a proposta, por meio de uma atividade, a leitura dramática do texto.

Em relação ao *cordel*, existem dois momentos que ele é trabalhado: no primeiro momento, a compreensão do gênero se dá por meio de reflexões propostas em atividade escrita, apresentando transcrições de *cordéis*, e tratando, por meio de perguntas em atividade escrita, a questão de ritmo, melodia e rimas, não ocorrendo de nenhuma forma, a proposta de escuta do gênero, nem a proposta de gravação do gênero para uma análise de escuta posterior; no segundo momento, a compreensão sobre *cordel* aparece através de pequenos textos que fazem relação entre, *cordel* e *xilogravura*, e *cordel* e *repente*, mostrando, assim, as

transcrições do gênero, e trabalhando as marcas orais e variações da língua por meio de uma questão presente em uma atividade escrita, não apresentando em ambos os momentos propostas de escuta do gênero e/ ou propostas de gravação do gênero para análise posterior.

Quanto ao livro do 9º ano, o gênero oral de escuta encontrado foi a *canção*, representada pelo estilo musical *rap*, esse gênero aparece sendo trabalhado em dois momentos (no Capítulo I e II da Unidade II). No primeiro momento (Capítulo I da Unidade II), a compreensão do gênero aparece através de reflexões, feitas por meio de uma atividade escrita. Ocorre a transcrição de um *rap*, mas não existem propostas de análise de marcas orais, nem sequer trabalham propostas de escuta do gênero e/ou proposta de gravação do gênero para análise posterior.

No segundo momento (Capítulo II da Unidade II), não existe a preocupação de propor reflexões sobre a compreensão do gênero; é transcrito um *rap* e apresentada uma atividade escrita que não propõe reflexões diretas em relação à influência social nas marcas orais existentes no texto. Não ocorrem propostas de escuta em conjunto com alguma forma de análise, e também não apresentam propostas de gravação do gênero para uma análise posterior.

Tão importante quanto à análise de escuta dos gêneros orais está a produção dos gêneros orais e, em relação a esse processo, cabe citar as perspectivas/estudos que conduziram e deram base teórica para a construção da análise de produção de gêneros orais. Um olhar importante é o de Schneuwly e Dolz (2004) que afirmam que um dos papéis da escola é “levar os alunos a ultrapassar as formas de produção oral cotidianas para os confrontar com outras formas mais institucionais, mediadas, parcialmente reguladas por restrições exteriores” (p. 147), destacando, portanto, a importância do trabalho oral público.

A última categoria de análise (Categoria 4: dissecando especificidades dos gêneros orais de produção) serviu para a análise de diferentes tipos de gêneros de produção, pois, abordam preparações que vão desde o planejamento de esquemas, até memorização de textos ou construção de argumentos, o que proporciona a possível análise desde um *debate*, ou até de um texto *dramático teatral*.

O livro didático do 8º ano, ao tratar do gênero de produção *debate*, utiliza para a compreensão do mesmo, uma atividade de reflexão apresentada por questões escritas que indagam o aluno sobre o que ele lembra a respeito do gênero debate, complementando com atividades (quatro atividades) com questões e textos explicativos que ensinam a formulação

de opinião e argumentos, ou seja, a compreensão do gênero se dá dessa forma. O planejamento da organização do *debate*, tempo, divisão de grupos, entre outros, é deixado a critério do professor; não existe no livro um modelo em relação para esse planejamento, ocorrendo, por vez, textos para a construção de argumentos e posicionamento crítico do aluno, e a indicação a que público será destinado o debate. Por último aparece uma indicação para o uso de material de apoio na realização do debate.

Quanto ao livro do 9º ano, ele apresenta o trabalho com as produções dos seguintes gêneros orais: *apresentação oral*, *reportagem audiovisual* e *apresentação de textos teatrais*. Para a *apresentação oral* (trabalhada em dois momentos, capítulo I e II da unidade II), o livro (no capítulo I da unidade II) apresenta a compreensão do gênero a partir de atividades que trabalham resumos de leituras. Logo após, indica uma produção de texto orientada por uma atividade que tem como tópicos: conhecendo a proposta; delimitando o tema para a pesquisa e pesquisando e anotando, tal atividade, tem por objetivo dar início a pesquisa e resumo que servirão de base para a preparação do material que será usado na apresentação oral.

O capítulo II da unidade II o gênero *apresentação oral* é apresentado por meio de atividades que trabalham a produção de esquemas (para servir de material de apoio no momento da apresentação) e análise de *apresentações orais* transcritas, por meio de atividade escrita, ou seja, a proposta condiz com a necessidade de mostrar como se faz, contudo faz confusão na apresentação do gênero. Por último, indica o público que será destinada a apresentação, os possíveis materiais gráficos e visuais que podem servir de apoio na execução do gênero e apresentam textos que indicam exercícios de relaxamento do corpo e da voz.

Quando trabalhada a *reportagem audiovisual*, a compreensão do gênero foi exposta por um pequeno quadro que explica o que é uma reportagem, em sua totalidade, não especificando a audiovisual; essa aparece já em fase de produção, sendo apresentada por atividades/etapas que objetivam mostrar os elementos que a compõem: o papel do *paueteiro* (aquele que elabora a pauta), o papel do repórter na entrevista, o papel do repórter e da equipe de filmagem na produção das imagens e os papéis do repórter e do editor no roteiro de edição, atividades que são trabalhadas por meio de tabelas, perguntas e pequenos textos. Logo após é indicado o tema a ser desenvolvido na *reportagem audiovisual* e apresenta o modelo das pautas, as quais, os alunos poderão, sem empecilho, segui-las ou modificá-las, ou seja, existe proposta de atividades de planejamento, e também propostas para o uso de material de apoio gráfico e visual, juntamente com indicação de memorização de textos.

Por último, o gênero *apresentação teatral*, que aparece no *Caderno de práticas de literatura*, no capítulo II, através de uma sugestão de *oficina literária*. O livro propõe a encenação de textos estudados durante todo o capítulo. Essa proposta se dá de forma breve e vem com objetivo de pôr em prática textos de cunho literário (comédia) que vêm sendo trabalhados. Traça um roteiro com sugestões para a produção, o passo a passo, no qual são propostas leituras dramáticas, memorização de texto, exibindo também a importância de recursos gráficos e visuais, trabalhando essas propriedades de acordo com o tema proposto para a execução da apresentação. A produção desse gênero é apresentada no livro como uma sugestão de oficina, porém deixa a desejar em seu planejamento, pois não amplia a compreensão das peculiaridades do gênero teatral, o que é lamentável, já que esse gênero é rico em virtudes orais, tendo a capacidade de por ele serem trabalhados exercícios de voz e expressões corporais, que são elementos cruciais dentro da modalidade oral.

Findada a análise, apresentamos reflexões/propostas, acerca do que foi observado em relação à relevância ou irrelevância desse material didático para o ensino dos gêneros orais. E com a consolidação dessas informações são propostas intervenções para o trabalho com os gêneros orais.

3.2 Reflexões e sugestões ao professor de língua materna para o trabalho com os gêneros orais em sala de aula a partir da análise dos dados.

Diante do que foi analisado, fica clara a importância em trabalhar com os gêneros orais, tanto os de produção², quanto os de escuta³, dando vez aos que circulam publicamente, promovendo situações de produção que esclareçam ao aluno as características do gênero e condições para que ele possa elaborar e conseqüentemente produzir gêneros orais.

Ainda existem dúvidas, por meio do profissional de ensino, em relação a que gêneros usar para trabalhar a oralidade, principalmente, quando se fala em gêneros orais de escuta; essa lacuna pode ser percebida na análise dos livros quando os gêneros *causos*, *cordel* e *canção* são apresentados em uma perspectiva que evidencia a escrita e conduz a uma leitura simplista, não alongando o trabalho com os mesmos para que possam ser ouvidos e/ou

² Os PCN (1998) explicam que é de suma importância trabalhar com produções de textos orais, pois, “[...] ensinar a produzir textos orais significa, sobretudo, organizar situações que possibilitem o desenvolvimento de procedimentos de preparação prévia e monitoramento simultâneo da fala” (p. 74).

³ Segundo os PCN (1998, p. 68) “[...] é fundamental desenvolver, na escola, uma série de atividades de escuta orientada, que possibilitem a eles construir, progressivamente, modelos apropriados ao uso do oral nas circunstâncias previstas”.

gravados, e assim, considerar o real papel da língua. Para ter noção da importância da prática de escuta, basta fazermos a seguinte reflexão e entendermos a seguinte comparação: se para nos aperfeiçoar como escritores, precisamos trabalhar as nossas leituras, para conduzirmos falantes aptos a se posicionarem publicamente, precisamos trabalhar a sua escuta, porém, não existe ainda profundidade no trabalho com gêneros de escuta, o que precisa ser mudado com urgência.

As canções em si representam uma alternativa interativa e eficiente para o trabalho de escuta. Por meio de canções pode-se trabalhar, por exemplo, as variações linguísticas, a influência do meio social na fala, pois, se trabalharmos canções com marcas orais (expressões) do Nordeste e canções com marcas orais (expressões) do Sul, pode-se realmente estar diante do trabalho com o uso real da língua. A partir do momento que o aluno entende e trabalha essas questões, ele está aprimorando seu conhecimento linguístico e social, tornando-se um falante ciente de suas escolhas.

No livro do 9º ano aparece o estilo musical *Rap*, e para proposta de trabalho, ocorre a compreensão desse estilo, por meio de pequenos textos, porém, as transcrições da música não são trabalhadas de forma a indagar as variações da língua. Quando é indicado a escuta do gênero, essa indicação, vem sem objetivo. O que nos faz refletir que ao invés de trabalhar apenas com transcrições prontas (o que não é propriamente errado) deve-se também procurar promover atividades que proporcionem, através de escutas, o exercício de transcrição, e que essa transcrição possa ser construída pelos mais variados gêneros, *canções, causos, debates, entrevistas*, entre outros. Assim o aluno vai entender os constituintes existentes entre fala/escrita, contribuindo para o entendimento real das diferenças e semelhanças existentes nas duas práticas, tornando-se seguro na execução das duas.

Um outro gênero oral que apresenta potencial para ser trabalhado em sala de aula é o *debate*, através desse gênero o professor poderá acatar tanto o trabalho de escuta, quanto o de produção. No livro ele aparece como proposta para o 8º ano, mas pode, sem dúvida, ser adotado por qualquer outra série. É importante que não sejam feitas apenas indagações em relação à compreensão do gênero; no livro é coerente o momento no qual, através de perguntas, conduz à reflexão do aluno sobre o que ele já tem de informação sobre o gênero, mas por diante, não são acentuadas essas indagações, faltando mostrar, por exemplo, os diferentes tipos de possíveis debates.

Uma questão importante, em relação ao debate, é a que parte do trabalho com propostas que proporcionem ao aluno presenciar debates, para que ele possa de forma real compreender

aspectos importantes desse gênero, como as pausas, o papel do mediador, a participação do público, isso em conjunto com a observação de excitações da fala, formulação, argumentação, entre outros. O livro do 8º ano trabalha por meio de transcrições e textos de opinião, o que é coerente e válido, mas é necessária, também, a observação real desse gênero. Que fique bem claro, ao professor de língua materna que a produção de gêneros orais, assim como qualquer outro, deve-se partir de um planejamento que vem desde o conhecimento do gênero e vai até as suas condições de produção.

Também em termos de produção pode ser sugerido o trabalho com os gêneros *apresentação oral*, *reportagem audiovisual*, *apresentação teatral*, *entrevista*, *seminário*, *notícia*, entre outro. No livro do 9º ano é proposto o trabalho com a *apresentação oral*, *reportagem audiovisual* e *apresentação teatral*; todas as propostas de produção revelam-se bastante interessantes para o ensino de gênero oral. A sugestão de se trabalhar com a *reportagem audiovisual* é positiva, pois a partir dela, várias áreas de conhecimento, que vão além dos orais, são estimuladas, por exemplo, a escrita, quando se necessita planejar pautas e roteiros; a leitura, quando é necessário estar informado sobre o tema da reportagem; além de estimular o trabalho em equipe, o conhecimento de meios eletrônico, entre outros.

Com base, pois, em todas as reflexões acima, apresentamos a seguir, uma proposta de Sequência Didática que tem por objetivo o trabalho com o gênero oral Seminário, como forma de contribuir para práticas escolares mais significativas e reais com os alunos do Ensino Fundamental.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Sou cidadão! Cumpro meus deveres, exijo meus direitos: uma proposta de seminário.

Série de aplicação: 9º Ano do Ensino Fundamental

Trabalhar por meio de sequências didáticas é proporcionar ao ensino um modelo de preparação de atividades ordenadas em torno de um gênero e estabelecidas pela construção de um esquema. Esse esquema, segundo Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004) organiza-se a partir de uma apresentação de situação, uma produção inicial e três módulos, os quais trabalham atividades com especificidades do gênero escolhido, dando suporte para a construção da produção final.

Entendendo a situação:

Por meio de sequência didática, organizaram-se atividades preparatórias para a produção do gênero oral seminário. Esse gênero destaca-se por ser um gênero oral público expositivo, que pode ser desenvolvido em diferentes esferas, como por exemplo, escolar, acadêmica ou profissional, realizado individualmente ou em grupo, tendo como finalidade, transmitir conhecimentos específicos de assuntos de determinada área do conhecimento.

A sequência desenvolvida tem como prioridade a produção de *seminário* na turma de 9º ano do ensino fundamental (essa proposta pode ser adequada a qualquer outra série), com atividades que progridem durante um mês e meio (tempo a ser questionado a depender das características individuais de cada turma) e culminará em apresentações para outras turmas/séries, no auditório, ou a critério do professor, podem ser escolhidos outros espaços, como biblioteca, sala de vídeo, etc.

O seminário deve ser apresentado com o apoio de alguns recursos audiovisuais, como por exemplo, cartazes, apostilas, lousa, retroprojeter, Datashow, microfone, etc. Para esse trabalho, a sugestão é a divisão da turma em equipes.

Complementando:

Em primeira mão, o professor deve questionar seus alunos sobre o que eles conhecem em relação ao gênero que irão produzir, juntamente com seus conhecimentos sobre o tema do seminário. Perguntas desse tipo ajudarão no questionamento: O que vocês conhecem sobre seminário? Acham que é difícil apresentar um? Têm algum receio por esse gênero? Que ponto interessante vocês podem citar em relação à produção de um seminário? O que vocês entendem por cidadania? Acham que seus direitos de cidadãos são

Alô professor!

Você deve subsidiar seus alunos com conteúdos (textos, vídeos ou áudios) que ajudem a informá-los sobre o tema e o gênero a ser produzido e conduzi-los a aprofundar seus conhecimentos por meio de pesquisas em livrarias, biblioteca, internet, entre outros. Sempre incentivando a busca pela informação.

respeitados? Cumprem com seus deveres de cidadão? Qual a importância de saber seus direitos e deveres?

Tais perguntas devem vir complementadas com a seguinte atividade:

ATIVIDADE 1-

LEIA OS TEXTOS:

TEXTO 1

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988
TÍTULO II
DOS DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS
CAPÍTULO I
DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade;

CAPÍTULO II
DOS DIREITOS SOCIAIS

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm

TEXTO 2

O QUE VOCÊ PODE FAZER PARA MUDAR O MUNDO

RODRIGO BENTES DINIZ

Comece mudando a si mesmo. Ninguém muda o mundo se não consegue mudar a si mesmo...

Cuide da Saúde do Planeta. Não desperdice água, não jogue lixo no lugar errado, não maltrate os animais ou desmate as árvores. Por mais que você não queira, se nascemos no mesmo planeta, compartilhamos com ele os mesmos efeitos e consequências de sua exploração...

Seja responsável: não culpe os outros pelos seus problemas, não seja oportunista, não

seja vingativo. Quem tem um pouquinho de bom senso percebe que podemos viver em harmonia, respeitando direitos e deveres...

Acredite em um mundo melhor. Coragem, Honestidade, Sinceridade, Fé, Esperança são virtudes gratuitas que dependem de seu esforço e comprometimento com sua Honra e Caráter. Não espere recompensas por estas virtudes, tenha-as por consciência de seu papel neste processo...

Tenha Humildade, faça o Bem, trabalhe. Não tenha medo de errar, com humildade se aprende, fazer o bem atrairá o bem para você mesmo e trabalhando valorizarás o suor de teu esforço para alcançar seus objetivos...

Busque a Verdade, a Perfeição, uma posição realista frente aos obstáculos, uma atitude positiva diante da vida...

Defenda, participe, integre-se à luta pacífica pela Justiça, Paz e Amor. Um mundo justo é pacífico, e onde há paz pode-se estar preparado para viver um grande Amor...

<http://aprendendoacompartilhar.blogspot.com.br/2010/04/texto-sugestivo-para-trabalhar-nocao-de.html>

De acordo com os textos lidos façam as reflexões:

Do que fala o texto 1 e o texto 2? São os mesmos assuntos?

O texto 1 exhibe Artigos presentes na Constituição da República Federativa. Em sua opinião, quais os direitos são garantidos ao cidadão e quais não são?

O texto 2 fala de iniciativas que podemos exercer para mudar o mundo, para você isso é exercer cidadania?

Para você é importante saber de seus direitos e deveres? Por quê?

Destaque cinco deveres e cinco direitos do cidadão que você considera de suma importância.

Após essas reflexões o professor deverá exibir o vídeo motivador “O que é ser cidadão do mundo?”. Esse vídeo faz uma conexão entre amor e cidadania, trabalhando com os alunos de forma lúdica valores importantes a serem pensados enquanto cidadãos.

O vídeo apresenta como áudio uma música, com isso, anime os alunos com palmas, para que se sintam a vontade e interagindo com o que está sendo trabalhado.

O vídeo está disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=sVVU5Jd5flw>

Nota

Professor! Findada essas considerações iniciais e a atividade, divida a turma em equipes de dois e peça que tragam no próximo momento de encontro, cartolina, canetas, e fotografias/imagens, que representem o que eles, os alunos, viram até o momento. Sendo que, você também professor traga para a sala de aula esses materiais, para que assim, seja possível cobrir algum

Alô professor!

Para a execução da ATIVIDADE1-

entregue os textos digitados aos alunos e faça a leitura de ambos de forma coletiva e participativa. Esses textos servirão como meio de inserir o aluno dentro do tema e fazê-los refletir, para que possam tirar suas próprias conclusões a respeito do assunto. As respostas da atividade devem ser trabalhadas em debate. Organize a turma em círculo para isso.

Primeira produção:

Essa fase é importantíssima, pois é por meio de uma primeira produção que o professor pode enxergar pontos fracos e fortes de seus alunos diante do gênero que está sendo trabalhado. Com isso: “O professor obtém, assim, informações preciosas para diferenciar, e

até individualizar se necessário, seu ensino” (SCHNEUWLY, DOLZ E NOVERRAZ , 2004, p. 87).

O professor deve utilizar as reflexões obtidas com a ATIVIDADE 1- para a construção de uma primeira produção:

De acordo com os textos que leram e as reflexões que fizeram, produzam um cartaz com fotos e texto, sobre os deveres (quais são? Quais vocês praticam e quais não? Por que praticam? Por que não praticam?) e direitos do cidadão (quais são? Esses direitos são respeitados? Quais as consequências quando não são respeitados? Que atitude pode ser tomada para ter seus direitos respeitados?) e conclua com a apresentação oral embasada nesses questionamentos. Cada um da equipe (formada por dois alunos) deve expressar-se sobre suas conclusões do tema e toda produção deve ser feita na presença do professor.

Professor, para um melhor empenho e a assistência de dúvidas que possam surgir em relação ao tema, essa atividade de produção pode ser feita na biblioteca da escola, pois, lá os alunos terão material de consulta disponível. E apresentada nesse mesmo espaço ou se achar melhor em sala de aula.

Para essa atividade deixe o aluno livre para produzir, esse é um momento de avaliar o desempenho de cada um, quais seus pontos fortes e seus pontos fracos. A forma de organizar o material deve ser livre, (com mais fotos ou menos texto, ou vice versa), deixando-os livres também na hora da fala. Indico que faça anotações de cada aluno, elas lhe ajudaram na avaliação final.

Preparando-se para a produção final:

Após a primeira produção, o professor terá uma base de conhecimentos sobre cada aluno, podendo reconhecer as dificuldades de expressão oral de cada um e assim, construir melhor cada módulo. “Nos módulos, trata-se de trabalhar os *problemas* que aparecem na

primeira produção e de dar aos alunos os instrumentos necessários para superá-los” (SCHNEUWLY, DOLZ E NOVERRAZ, 2004, p. 87).

MÓDULO 1

A partir de agora a turma será dividida em grupos. Serão cinco equipes de cinco (pode ser até seis pessoas por equipe, e até cinco equipes, dependendo da quantidade de alunos apresentada na sala). O essencial professor é que a partir de agora todas as atividades estejam voltadas para a construção da apresentação final.

Para isso, é importante que todos os alunos conheçam o público para o qual irão se apresentar (lembrando que a apresentação será para outras turmas e será no auditório da escola). O professor deve entregar a seguinte ficha aos alunos:

ATIVIDADE 3-

1-Para quem vão se apresentar?
2-Qua sua finalidade como locutor: convencer, divertir ou informar?
3-Você irá se posicionar diante do público como aluno, representante dos jovens ou como pessoa individual?
4-Qual a finalidade do gênero seminário?
5-Quais as principais características do gênero seminário?
RESPONDA E ANOTE AS DÚVIDAS DO GRUPO

Cada grupo se reunirá e pensará cada ponto, respondendo cada pergunta e anotando suas dúvidas, assim, depois de vinte minutos todos da sala juntos com o professor discutirão tirando as dúvidas e acrescentando seus pontos de vista.

ATIVIDADE 4-

Para subsidiar a pesquisa de conteúdo e escolha dos temas dos grupos para a apresentação do seminário, o professor irá levar para a sala de aula o filme educativo - Mudar o mundo (encontra-se no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=pJ5LjmO9FZ8>), que tem duração de dez minutos e quinze segundos e mostra através de desenhos os direitos que toda criança tem, como, por exemplo, direito a alimentação, moradia, família, educação, segurança e não o trabalho infantil.

- Distribua folhas em branco para todos os grupos;
- Peça para que cada grupo faça um resumo da história do vídeo, apontando tudo que chamou atenção.
- Depois dos resumos feitos, promova a leitura de cada resumo por equipe (nesse momento um da equipe pode se disponibilizar a ler), e discuta debatendo os seguintes itens com todos.

- O que chamou mais atenção no vídeo?

-Qual o conceito que vocês formaram sobre cidadania?

-Quais foram os direitos apresentados pelo vídeo?

-Vocês concordam com eles?

-O que poderia ser feito de diferente para contornar a situação? O vídeo mostra alguma solução?

Alô professor!

Prepare seus alunos mostrando que tais temas podem ser encontrados para pesquisas, na internet, em livros, revistas, jornais, através de artigos, reportagens, entrevistas. Deixe-os livres para pesquisar. E converse com cada grupo, explicando que eles podem apontar dentro do seu tema, por exemplo, quais são os direitos em relação a ele; se esses direitos são respeitados; quais são e quais não são respeitados; sempre lembrando de indicar o que poderia ser feito para melhorar a situação. O resumo de cada equipe deve ser feito extraclasse.

- Quem seria o culpado, por existir tais mazelas?

-De que forma, nós cidadãos, podemos contribuir para um mundo melhor?

Logo após essas discussões o professor fará em forma de sorteio a escolha dos temas junto com a ordem de apresentação de cada equipe:

Grupo	Temas
1	Família
2	Saúde
3	Educação
4	Segurança
5	Moradia

Nota!

Essa amostra de sugestões de temas pode ser reduzida ou ampliada dependendo da quantidade de alunos existentes em sala de aula. PROFESSOR! Deixe bem claro a cada equipe, seu tema e os conduza a pesquisar os conteúdos.

Com os temas selecionados e divididos para cada equipe, é o momento de trabalhar a pesquisa, que será feita extraclasse. Cada equipe irá pesquisar, na internet, em livros, jornais ou em revistas, textos que tenham informações sobre os seus temas. Todos da equipe devem estudar seu tema e produzirem um resumo, o qual deve ser entregue ao professor.

MÓDULO 2

Com os alunos pesquisando, estudando e produzindo seus resumos, é a vez de trabalhar em sala de aula algumas prioridades dentro do seminário, como, por exemplo, a questão de linguagem e postura.

ATIVIDADE 5-

Causo:

As sardinhas

Dois compadres conversavam à beira de um riacho
lá pelas bandas de Uberaba.

- Zé, tempos bons eram aqueles quando eu tinha sua idade.

Isso já faz mais de 40 anos.

- Chico, tempos bons são agora, cê não vê o patrão,
tem aquela tal de "parambólica" que pega até os canais de
lá do outro lado do mundo, tem "seu lunar" que fala que nem telefone.

- Não é disto que estou falando. Quando era jovem que nem ocê,
eu sentava na beira desse rio com minha varinha
e pescava um mundão de peixe.

- Cê tá no passado. Quando eu vou pra Santos, visitar meus parentes,
a gente sai pra pescar de lancha que tem até um tal de "com puta dor"
que acha os cardumes em baixo d'água.

- Com vara que era bom. Eu sentava na beira desse rio e me enchia
de peixes. No dia seguinte eu vendia tudo.

Nunca peguei menos de três caminhões cheinhos de sardinha.

- Sardinha?

- É, e tu não sabes, um dia, atrás das sardinhas, veio um tubarão.
Comeu a minhoca, o anzol, a linha, a varinha e quase comeu meu braço.

Fiquei com tanta raiva que pulei em cima dele e
dei-lhe aquela coça, nunca mais o "mardito" voltou.

- Eu num sabia que aqui em Uberaba dava tubarão.

- Naquele tempo tinha, eu não tô falando, tempo bom era aquele.

- Qual nada, hoje é que é bom. Mas em falar em sardinha,
da última vez que fui a Santos, nós saímos para pescar de barco.

Pescamos até acabar a isca e nada de peixe.

No caminho de volta achamos uma ilha,
lá tinha tanta sardinha no mar que pescamos até encher o barco.

E naquela ilha era tudo grande. A sardinha menor
que pegamos tinha quatro metros.

- Quatro metros?

- É uai, as pequenas eram filhotes ainda.

- Mas com que iscas vocês pescaram?

- A gente teve de inventar. Junto das pedras que cercavam a ilha, tava cheio daquelas baratas que ficam ali nas pedras rente ao mar.

- Sim, e então?

- Pra pegar as sardinhas de 4 metros, tivemos que usar as baratas de 1 quilo.

[http://www.almadepoeta.com/livros/causos.htm#A Loura](http://www.almadepoeta.com/livros/causos.htm#A%20Loura)

- Distribua o texto para todos na sala, façam a leitura, e explique a qual gênero o texto pertence.
- Por meio desse texto trabalhe com os alunos linguagem, explicando que nos seminários, predomina-se a norma-padrão da língua, embora possa haver maior ou menor grau de formalismo.

Aplice a seguinte atividade:

Na sua opinião, a linguagem empregada no texto é formal ou informal? Por quê?

Ao ler o caso, há palavras que estejam próximas de como você fala ou costuma ouvir em sua família? Quais?

Na sua opinião, a oralidade pode ser expressada de uma forma mais formalizada, ou sempre de forma espontânea?

Quais os casos que podemos ou devemos usar a forma mais regrada da oralidade?

Atenção!

Professor, com essa ATIVIDADE 5- explique do que se trata o gênero estudado, deixe claro que esse gênero em princípio é um gênero oral e não escrito. Utilize a linguagem usada na construção da história para fazer o aluno perceber as individualidades da língua, esclarecendo as situações e contextos que estão inseridos o uso da língua. Esse processo de informação formal e informal influenciará, também, quando eles forem escrever os pontos dos seus seminários.

Informativo da ATIVIDADE 6

Filme: A peste da Janice.

- Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=povo9wCtIT>

Você já ouviu algum caso? Conte para seus colegas de classe e também escute as histórias deles, percebendo a utilização de gírias, repetição de vocábulos, entre outros.

ATIVIDADE 6-

Trabalhe com os alunos uma produção e apresentação de texto. Para isso, leve para a sala de aula o filme “A peste da Janice”, que tem a duração de quatorze minutos e cinquenta segundos e conta a história de uma criança que sofre Bullying na escola.

-Após passar o filme, reflita com os alunos a história, podendo questioná-los se algo parecido já aconteceu com eles, se de alguma forma já sofreram Bullying, e o que acham sobre essa prática.

-O filme apresenta um final em aberto, não é conclusivo, utilize disso para concluir a atividade, pedindo aos alunos que produzam o final do filme e logo depois apresente aos seus colegas sua ideia.

MÓDULO 3

Esse é o momento do professor receber os resumos de cada grupo e organizar o seminário com os alunos. Com os temas estudados por todos, agora é o momento certo para dividir tarefas, conhecer as regras de apresentação e produzir material para chamar atenção do público que virá assistir aos seminários, logo que, as apresentações iram ser para outras turmas da escola.

ATIVIDADE 7-

Converse com cada grupo e peça que preencham a seguinte ficha:

Tarefas	Nomes
Abertura	
Tomada da palavra e cumprimentos	
Apresentação do tema	
Conclusão e encerramento	
Material de apoio	
Tema	
Tempo estimado de 10 a 15 Minutos	

Alô professor!

Explique para seus alunos que é importante todos do grupo participarem da construção do seminário. E utilizar os mais diversos materiais de apoio, cartolinas, Datashow, roteiro do seminário, para que não percam-se na fala, etc. Deixe os alunos livres para apresentarem músicas ou vídeos curtos na hora da apresentação. E sempre esteja disponível para retirar qualquer dúvida que surgir.

-Cada equipe deve preencher duas fichas dessas, uma para

ficar de orientação para grupo e outra para o professor.

ATIVIDADE 8-

Devolva os resumos dos alunos com as devidas correções e dicas, e peça para que os mesmos façam as alterações.

Agora, os alunos irão produzir convites para distribuírem em outras turmas, incentivando o público a vir assistir seus seminários. A produção deverá ser feita por todos, mas na hora de distribuição, um de cada equipe deve ser escolhido para ir até as outras séries e falar um pouco do seu tema, sempre acompanhados com a presença do professor.

Informações chaves para vir no convite

- Tema principal;
- Subtemas;
- Quantidade de equipes;
- Horário da apresentação;
- Espaço a ser realizado;
- Dia da apresentação.

-O professor deve levar para a sala modelos de convites para ajudar os alunos a construir ideias;

-Cada aluno deve produzir 10 convites;

-Haverá convites de estilos diferentes, mas sempre com as informações chaves presente;

-Esses convites devem ser levados pelo professor e os alunos escolhidos, no dia e horário estipulado pelo professor, para cada sala visitada.

Alô professor!

Faça o aluno entender a importância das informações chaves.

Indique a produção de convites impressos, mas não elimine a construção de convites manuais.

Ensaie com os alunos escolhidos, as falas de cada um na hora de expor seu tema em outras salas, revisando as dicas dadas na ATIVIDADE 6-.

Nota!

É muito importante estipular horários e datas. Fique atento a isso professor! Tenha bem esclarecido essas informações. Organizando, também, o espaço para as apresentações, notificando se o ambiente escolhido dispõem de energia, quadro, ou outros aparatos que seus alunos poderão precisar.

MÓDULO 4-

Com os resumos corrigidos e todas as atividades encaminhadas esse é o momento de:

- Reservar duas aulas no horário escolar para que os alunos possam ensaiar;

Os colegas que estiverem assistindo a apresentação de cada equipe terão como papel fundamental de analisar as apresentações:

- Criticando-as do ponto de vista da sua adequação tanto às características do gênero e ao contexto de produção;
- E da própria compreensão da audiência.

Discuta com a classe, após, as apresentações. Solicitando alterações, focalizando aspectos positivos que devem ser mantidos, etc.

Produção final:

Depois das atividades feitas, é o momento das apresentações. Cada equipe deve dirigir-se ao espaço escolhido para apresentação e organizar-se de maneira já estipulada, tentando não extrapolar o tempo, nem diminuí-lo.

AVALIAÇÃO:

A avaliação dessa atividade deve ser feita não só observando a produção final, mas levando em consideração todas as atividades, a participação e empenho do aluno. A partir da

primeira produção o professor deve ficar atento às dificuldades individuais de cada aluno e usar dessas informações para avaliar a produção final.

Pontos importantes para serem avaliados:

- DESENVOLTURA CORPORAL E DE VOZ;
- ORGANIZAÇÃO DOS MATERIAIS DE APOIO;
- CLAREZA DE IDEIAS;
- PARTICIPAÇÃO DA EQUIPE.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que se desenvolveu nesse trabalho foi de cunho, analítico, qualitativo e descritivo apresentando uma base teórica sobre linguagem, gêneros e ensino de gêneros, e a análise de livros didáticos, especificamente, das últimas séries do Ensino Fundamental, para que fosse consolidada a importância do trabalho com os gêneros orais. Através da observação do material de apoio do professor de língua portuguesa, foi possível comprovar a presença de propostas de atividades com os gêneros orais nas séries que fecham o ciclo do Ensino Fundamental II.

A relevância do ensino dos gêneros orais é atestada por contribuições como a dos PCN (1998), que priorizam a produção do texto oral, destacando gêneros que se realizam pela oralidade e indicando formas adequadas para sua produção. Através dessas contribuições fica atestado que o ensino oral se faz necessário em sala de aula, e sua produção necessita de empenho por parte do professor, que deve estar atento às finalidades reais desse gênero na sociedade.

Com base em estudos feitos ao longo desse trabalho, fica evidente que o ensino do texto oral, por meio dos gêneros orais, contribuirá, não só somente para o desempenho do falante, mas também, para que esse falante desenvolva a capacidade de distinguir as marcas próprias da oralidade, evitando usá-las no seu texto escrito, ou usando-as quando necessário.

O que acontece é que, por muitas vezes, os gêneros orais não são priorizados no ensino de língua materna, por se acreditar que não se ensina a falar, que a fala é algo espontâneo e não necessita de processos de produção. A fala não deixa de ser algo espontâneo, porém, hoje, depois de estudos e teorias, comprova-se que a fala contempla inúmeros elementos de produção.

Outro ponto inovador no ensino dos gêneros orais é o que sustenta a importância da escuta; se a fala já foi considerada elemento desnecessário para produção, imagina o que não diriam da escuta, contudo, a produção de atividades que trabalham a escuta, ajuda o aluno a entender de forma bem mais prática os mecanismos de construção da fala.

A análise desenvolvida nessa pesquisa foi relevante ao ponto que seus resultados poderão ajudar ao professor a entender que a língua não pode ser resumida em uma das suas modalidades, e sim expandida em sua totalidade, e sempre ficar atento às propostas

apresentadas nos livros que utilizam durante seu ano letivo, tendo condições de examinar a eficiência das atividades sugeridas para o trabalho oral.

Com o intuito de ajudar o professor para que ele possa refletir sobre os diversos gêneros orais possíveis de serem trabalhados em sala de aula, organizando suas atividades com textos orais de modo mais sistemático, foi apresentada, nesta investigação, uma *sequência didática*, a qual oferece subsídios para um trabalho mais significativo em sala de aula.

Com essa pesquisa, concluiu-se que ainda há relações a serem melhoradas nos livros didáticos, principalmente quando se fala dos gêneros de escuta. Contudo, as propostas encontradas nesse material foram significativas para o ensino oral, mas não podem ser tomadas como formas estanques pelos professores. Eles devem estar cientes de que podem modificar essas propostas, aprimorando-as de acordo com necessidade da turma.

Nessa perspectiva acreditamos que a escola deve investir no ensino por meio dos gêneros orais e incentivar seus docentes a pesquisar e produzir atividades que contemplem essa modalidade da língua, pois, assim, estarão contribuindo para a formação social dos seus alunos.

5. REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. L.C.V. O; FAVERO, L.L; AQUINO, Z. *Reflexões sobre oralidade e escrita no ensino de língua portuguesa*. In: ELIAS, V.M. (Org.). *Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

ANTUNES, I. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BECHARA, E. *Ensino da gramática: Opressão? Liberdade?*. São Paulo: Ática, 1986.

BENTES, A.C. *Linguagem oral no espaço escolar: discutindo o lugar das práticas e dos gêneros orais na escola*. In: RANGEL, E. O; ROJO, R.H.R. Coordenação. *Língua Portuguesa: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2010.

BIASI-RODRIGUES, B. *A abordagem dos gêneros textuais no ensino da Língua Portuguesa*. In: PONTES, A.L; COSTA, M.A.R. (Org.). *Ensino de língua materna na perspectiva do discurso: uma contribuição para o professor*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DOLZ, J; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. *Sequências Didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*. In: ROJO, R; CORDEIRO, G.S. Tradução e (Org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, J; SCHNEUWLY, B. *O oral como texto: como construir um objeto de ensino*. In: ROJO, R; CORDEIRO, G.S. Tradução e (Org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

FIGUEIREDO, Laura de. *Singular & plural: Leitura produção e estudos de linguagem, 8º ano*/ Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar, Shirley Goulart. -1. ed. – São Paulo: Moderna 2012.

FIGUEIREDO, Laura de. *Singular & plural: Leitura produção e estudos de linguagem, 9º ano*/ Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar, Shirley Goulart. -1. ed. – São Paulo: Moderna 2012.

KOCH, I.G.V. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MACHADO, I. *Gêneros discursivos*. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

TRAVAGLIA, L.C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 11. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

WEEDWOOD, B. *História concisa da linguística*. Tradução de marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.